

O encontro de Jararaca e Ratinho no céu

Bateram à porta do céu

São Pedro disse: “Já vai!”

Limpou as barbas do mel

Que havia lhe dado o Pai,

Levantou com toda a calma,

Lavando as mãos na travessa,

Pois sabia que era alma

E alma nunca tem pressa.

Retirou então a estaca

Que reforçava o portão

E em pé, de chapéu na mão,

Lá estava o Jararaca.

São Pedro tão logo viu

Reconheceu o artista:

“Este veio do Brasil,

Eu o conheço de vista.

Já sei que hoje tem festa

De entrar pela noite inteira,

Alguns vão cantar seresta

Outros dançar gafieira.

Jararaca que estava

Ansioso para entrar

Tratou logo de falar

Pro santo que o espiava:

“Me dá licença, meu santo!

Gostaria de entrar.

Eu só preciso de um canto

Para poder descansar.

Passei 81 anos

Por sobre a face da Terra.

Tive sonhos, tive planos

E assisti a duas guerras.

Cá pra nós, fui comunista,

Mas isso lá é pecado?”

Contou um caso engraçado

Com sua verve de artista.

Pedro riu aos borbotões

E foi logo lhe abraçando.

E ele com seus botões :

“Já sei que estou agradando.

De fato, logo em seguida

Pedro disse: “Venha cá!”

E numa estrada comprida

Começaram a caminhar.

Jararaca acompanhou

Todos os passos de Pedro,

Que à sombra de um arvoredo

Parou um pouco e sentou.

Passaram mais de uma hora

Naquela sombra gostosa.

São Pedro dormiu, embora

Jararaca todo prosa,
Por estar acompanhado
Do velho santo chaveiro
Tenha ficado acordado
Entre feliz e pensativo.
Até que chegou Mateus,
Trazendo às mãos numa carta,
Saudações de Santa Marta
E as boas vindas de Deus.

Dali São Pedro voltou
Pra junto da portaria
E Mateus comunicou:
“Agora sou eu o guia!”
Jararaca foi levado
Pelos jardins do infinito
E dizia deslumbrado:
“Que bonito! Que bonito!
Mas nem de longe previa
Que além de tanta beleza,
Uma agradável surpresa
Esperava ao fim do dia.

Chegaram ao sopé de um monte
De proporção gigantesca,
Avizinhado a uma fonte
Onde corria água fresca.
Subiram bem lentamente,

Assim como passeando:
São Mateus ia na frente,
Jararaca acompanhando.
Veza por outra conversavam
Sobre coisas de além vida
Que aliviava a subida,
Na medida em que avançavam.

Em plena noite fechada
Chegaram ao fim do caminho.
Por ter vencido a escalada
Jararaca riu sozinho.
Não tinha o corpo cansado
Nem respirava ofegante,
Tava até bem humorado,
Discretamente elegante.
“Que lugar maravilhoso!”
Disse ele pra o santo .
De fato, era um recanto
De traçado harmonioso.

São Mateus beijou-lhe o rosto
Em sinal de despedida.
Na sequência, bem disposto,
Daria início à descida.
Mas, antes disse pro velho:
“Você fica por aqui.
Eu não vou lhe dar conselho,

Cada um sabe de si”.
Pedi que o recém-chegado
Procurasse o seu retiro
E após um leve suspiro
Retirou-se sossegado.

Jararaca, incontinente,
Se pôs em marcha na estrada,
Que daria, certamente,
Em sua eterna morada,
Enquanto ia, pensava
No que Mateus lhe dissera
E até acrescentava:
“Valeu a pena a espera!
O descanso e, finalmente,
Uma vida plena e franca...”
Mas nisso, uma casa branca
Pintou logo à sua frente.

Era uma casa pequena
Rodeada de jardins,
Onde brotavam açucena
Margaridas e jasmims.
Um cheiro de natureza
Impregnava o ambiente.
Havia uma luz acesa,
Mas nenhum sinal de gente.
Quando à porta ele bateu,

Alguém perguntou: “Quem é?”

Pela voz era mulher

E o velho disse: “Sou eu!”

“Pode entrar que a casa é nossa!”

Tornou a voz, lá de dentro.

Jararaca, em tom de troça,

Respondeu: “Claro que entro!”

Abriu a porta num instante,

Penetrou na ante sala

E o que viu foi o bastante

Pra quase perder a fala.

Ficou parado e feliz

Diante do que ele via.

Quem é que lhe recebia?

A própria Leila Diniz.

Leila disse: ” Chega mais!”

E Jararaca chegou,

Envolto naquela paz

Que na casa ele encontrou.

Ela ficou tão contente

Quando viu o humorista,

Que anunciou prontamente:

“Pessoal, chegou o artista!”

Toda a gente já sabia

Do que tinha acontecido,

Que ele havia subido

Por volta do meio-dia.

De repente, um brilho intenso

Começou a se espalhar

E um leve cheiro de incenso

Confundi-se com o ar.

Jararaca olhou pros lados

Só viu amigos sumidos,

Há muito desencarnados,

Porém, jamais esquecidos.

Toda a gente cintilava

Pela casa toda acesa

E até, pra sua surpresa,

Seu corpo também brilhava.

Estava o Ciro Monteiro

Ao lado do Gordurinha.

Ao fundo, Augusto Calheiros

Entoava uma modinha

No ouvido do Agostinho

(o grande amigo) dos Santos,

Aumentava o burburinho

De gente em todos os cantos.

Pintou também Noel Rosa,

Além da Carmen Miranda.

Descansando na varanda

Estava o Orestes Barbosa.

Ao entrar, Ary Barroso
Saudou custódio: “Meu mano!”
E pediu atencioso
Que lhe emprestasse o piano.
Então, Chiquinha Gonzaga
- Cheia de desprendimento -
Solicitou uma vaga
Nos agudos do instrumento.
Como a dupla dava pé
Ambos fizeram bonito,
Tocando um tango erudito
De Ernesto Nazareth.

Entrou pela madrugada
Aquela reunião,
Cada vez mais animada
Com muita luz e canção.
Zé da Zilda e Chico Alves
Só chegaram bem depois,
Entre bom- dias e salves
Acomodaram-se os dois.
Acenando com um lenço,
Num cumprimento discreto,
Estava o Torquato Netto
Que renovou o incenso.

Pintou Dalva de Oliveira,
Alda Garrido e Nonô.

E mais: Geraldo Pereira
Dolores, Índio e Sinhô;
Pixinguinha, Luiz Pixoto,
Ataulfo, Assis Valente,
Joubert, Maria, Garoto...
Meu Deus, como tinha gente.
Outros nomes consagrados
Foram levar seu abraço.
Porém, por falta de espaço,
Não são aqui mencionados.

Jararaca, satisfeito
Com aquela recepção,
Sentia dentro do peito
Uma tremenda emoção.
No entanto, estranhava
A ausência de Ratinho.
Por que ele não chegava?
Teria errado o caminho?
Foi aí que, de repente,
Falou Nestor de Holanda
E a entrada de uma banda
Anunciou gravemente.

Tinha um anjo na trombeta,
Outro anjo no trombone,
Um arcanjo na corneta
E outro no vibrafone;

Na flauta Antonio Callado,
Zé Dantas no tamborim,
Um querubim no teclado,
Na viola um benjamim;
Heitor no seu cavaquinho
Tocava divinamente
E ao seu lado, finalmente,
Na clarineta: Ratinho.

Jararaca deu um pulo
De entusiasmo incontido,
Até assustou Catulo
Que estava distraído.
Correu pro meio da banda
Para abraçar Severino,
Que tocava uma ciranda
Bem ao gosto nordestino.
Em meio a tanta alegria
Não seria anormal
Que um grito de carnaval
Se armasse naquele dia.

Num instante toda a gente
Se organizou em cordão.
Metais e cordas na frente,
Mais atrás a percussão.
E saíram pela estrada
Num entrudo original,

Sem fantasia sem nada,
Tudo muito ao natural.
Não quiseram mais cantar
Modinha, samba ou bolero,
E só deu: “*Mamãe eu quero,
Mamãe eu quero mamar*”.

Não parou naquele dia
A festa do Jararaca.
Há muito que não se via
No céu tamanha fuzarca.
Nem Bing Crosby resistiu
À força de tal festança,
No quinto dia subiu
E também entrou na dança.
Assim, passei pro papel,
Com dedicado carinho,
O encontro de Ratinho
E Jararaca no céu.

[Eldemar de Souza – contato: eldemar.sousa@gmail.com]

Entrevista com Eldemar de Souza na Lurdinha:

<http://lurdinha.org/site/?p=845>

É com enorme prazer que a Lurdinha publica O Encontro de Jararaca e Ratinho do Céu, texto do jornalista Eldemar de Souza, cuja história remete não só a dois grandes artistas do país, mas diz respeito também a duas figuras solares que viveram em Duque de Caxias durante décadas.

Além de ser fascinado por História e já ter lido o texto de Eldemar e a monografia feita sobre a dupla, também tive a felicidade de ter me encantado com o acervo pessoal de Ratinho, sob a guarda de uma amiga, Zélia Cavalcanti, herdeira do legado do grande músico e agitador cultural (esse lado dele é pouco conhecido). Acervo que contém pérolas sobre cultura brasileira, sobre os meios de comunicação, sobre a cidade de Duque de Caxias e sobre a grande figura que foi o Ratinho. Mas isso vai em algum outro momento. É difícil mensurar como a dupla era popular de norte a sul do país.

Para contextualizar a obra, seguem palavras do autor, Eldemar de Souza, crítico musical, colaborador da Lurdinha e colecionador de histórias incríveis sobre música brasileira e bastidores da imprensa nacional.

L.: Fala aí, cara.

Eldemar: Pois é, o livro foi publicado pela primeira vez, com patrocínio do então deputado estadual Silvério do Espírito Santo, à época vizinho da dupla, no Parque Lafayette. O lançamento foi na Praça da Emancipação, na manhã de um domingo ensolarado, com uma cachaçada doida que entrou pela tarde, envolvendo boa parte dos passantes, procedentes da feira. O dia? 28 de maio de 1978. Portanto, no sábado passado completa 33 anos. Depois, saíram mais duas edições. A primeira delas, em 1983, pela Funarte, inserido na íntegra na monografia Jararaca e Ratinho, a grande dupla caipira, de Sonia Regina Calazães, e a segunda, em 2005, por iniciativa de Pedro Marcílio Leite. Agora, com a publicação na LURDINHA, passo a considerar o trabalho editado pela quarta vez. Isto dá uma média de mais de uma edição por década. Tá de bom tamanho, né?

L.: Você que conheceu a dupla, fala um pouquinho dos figuras.

Eldemar: Jararaca era alagoano e morreu em 1977. Já Ratinho, pernambucano, morreu em 72. Ratinho era um músico extraordinário, tocava sax-soprano e, eventualmente, clarineta. Escreveu choros imortais, como o clássico Saxofone, por que choras?

Jararaca era poeta, compositor e humorista. É autor de Mamãe eu quero (em parceria com o maestro Vicente Paiva), uma das marchinhas mais cantadas do carnaval brasileiro desde 1937, quando foi lançada. Seu sucesso ultrapassou fronteiras, já que foi gravada em outros países, entre os quais a Alemanha, Dinamarca e Estados Unidos. Neste último, foi gravada por vários intérpretes, entre eles Bing Crosby, que morreu cinco dias depois do Jararaca. Daí, eu citá-lo no final do texto.

L.: E o texto?

Eldemar: Apesar de ter publicado outros livros, até hoje sou apresentado como o autor de Jararaca & Ratinho no céu. Creio que tenho a mesma sina de Ariano Suassuna, que mesmo sendo autor de tantas obras conhecidas é apresentado por aí afora, como o autor de Auto da Compadecida, desde a estreia da peça, em 1956. Pelamordedeus, longe de mim me comparar ao célebre paraibano. No mais, é isso. Abraço grande.

PAGINA DA FUNARTE

<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/discos-projeto-almirante/jararaca-e-ratinho-1983/>

JARARACA E RATINHO



Por onde passaram, Jararaca e Ratinho deixaram seus nomes como uma marca, dimensionada principalmente no humor prodigioso de Jararaca, em sua inteligência, memória e poder de improvisação privilegiados, bem como na rara habilidade musical de Ratinho e na sua performance ao saxofone. O contraste físico entre os dois e o “achado” na escolha dos nomes artísticos muito ajudaram na estruturação de toda essa mistura, que fez do sintagma Jararaca e Ratinho uma unidade indissolúvel, um amálgama de adesão total, uma fórmula quase mágica ao longo de toda a vida, e mesmo depois da morte.

Ratinho se foi no dia 8 de setembro de 1972, deixando inconsolável seu parceiro. Este não demorou muito a ir de encontro ao amigo, o que se deu no dia 9 de outubro de 1977, deixando a lembrança da dupla caipira nas gargalhadas que o Brasil inteiro deu, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, ouvindo rádio.

Este Lp, gravado em 1960 pela Som Indústria e Comércio S.A. – Copacabana Discos (CLP 11167) – foi reeditado em 1983 especialmente pela Funarte. Revive alguns dos sucessos da dupla Jararaca e Ratinho e traz músicas como Espingarda... pá e Sapo no

Saco, gravadas pela primeira vez em 1929, Saxofone, Por que Choras?, sucesso que já teve interpretações de Jacob do Bandolim, Luís Americano e Abel Ferreira, e ainda alguns dos engraçadíssimos diálogos de Jararaca e Ratinho. Relembra a mais duradoura (1927-1972) parceria que, pela sua importância, confunde-se mesmo com o gênero que ajudou a firmar no panorama musical brasileiro: a música sertaneja.

(Leia na íntegra o encarte na galeria de imagens. Para melhor leitura, clique em “tamanho máximo”.)

Lado A

1. Abertura
2. Frevinho Bossa Velha – Ratinho
3. Diálogo
4. Espingarda ... pá – Jararaca
5. Diálogo
6. Colegas da Lira de Xopotó – Ratinho
7. Diálogo
8. Sapo no Saco – Jararaca
9. Diálogo
10. Vera – Ratinho

Lado B

1. Reabertura
2. Vamo Apanhá Limão – Jararaca
3. Diálogo
4. Lyrio Panicalli no Choro – Ratinho
5. Diálogo
6. Saxofone, Por que Choras? – Ratinho
7. Encerramento